

## **O espetáculo do crescimento. São Paulo: Ediouro, 2004,** de William Easterly

### **Paula Meyer Soares Passanezi**

Doutora em Economia de Empresas – FGV-SP;  
Coordenadora de curso e professora na graduação – UNINOVE.  
ppassanezi@uninove.br, São Paulo [Brasil]

William Easterly, renomado consultor do Banco Mundial, com coragem e objetividade expõe a verdadeira face do fracasso de inúmeras medidas adotadas (e defendidas) por importantes organismos internacionais que, por muitos anos, vêm trabalhando em prol de um único objetivo: promover um crescimento sustentado e real para as economias que vivem em condições precárias.

Easterly enfatiza que a “falta” de determinados incentivos é a principal causa do fracasso das medidas de ajuda financeira a países pobres. Remete o leitor a uma profunda reflexão sobre essas medidas – ajuda financeira, controle de natalidade, combate à violência e corrupção, entre outras –, concluindo que não adianta pôr em prática tais medidas de condução política em ambientes democráticos, por constituírem fórmulas adotadas pelos economistas que não deram certo. Segundo o autor, a adoção de fórmulas é insuficiente, pois deixa-se de lado o princípio básico que rege a economia: “[...] as pessoas fazem aquilo por que são pagas para fazer; quando não são pagas, elas não o fazem [...]” (p. 10). Dito de outra forma, são os incentivos que mantêm as economias em trajetória de crescimento sustentado.

Com esse tom crítico, o autor expõe sua tese dos incentivos. Na primeira parte do livro, mostra que o crescimento da economia é mais necessário do que salutar, pois tem um reflexo imediato no desenho da estrutura produtiva de uma nação, ao mesmo tempo que promove a libertação de vários indivíduos que viviam em ambientes inóspitos, de fome e, principalmente, de opressão política. A redução da mortalidade infantil, por exemplo, estabelece a esperança de um futuro mais promissor, com indivíduos mais fortes e capazes de superar vários tipos de problemas, inclusive econômicos. O crescimento de economias diminui o teor de tensão e opressão por

que passam habitantes de países miseráveis, que se submetem a jornadas de trabalho intermináveis em condições subumanas.

Depois da análise das conseqüências do não-crescimento econômico, utilizando casos verídicos, Easterly, na segunda parte, faz uma incursão crítica e corajosa pelas principais teorias de crescimento econômico e mostra, com dados estatísticos, que elas não se aplicam necessariamente aos países pobres dos trópicos. A teoria de crescimento de Solow, capitaneada pela defesa ferrenha de que o crescimento depende de investimentos sólidos em infra-estrutura e em inovação tecnológica, é contestada por Easterly, ao afirmar que ela não se aplica aos países extremamente pobres, mas apenas a alguns países, e seus resultados, por se fundamentarem em estatísticas estadunidenses, num período de crescimento da economia mundial (pós-guerra), não correspondem à análise da situação de nações com estrutura produtiva e política adversa. A tese de Harrod-Domar de que a economia cresce proporcionalmente ao volume de investimentos realizados também é posta em xeque, pois esse crescimento não se concretizou em vários países em que se adotou esse procedimento.

Essas foram algumas das “panacéias” – que não deram certo –, mas que teoricamente, por meio de modelos econômicos e dados estatísticos, apontavam na direção do crescimento, diz Easterly. O equacionamento da questão educacional, por exemplo, não necessariamente se traduz em elevados índices de crescimento. A discussão feita por Mankiw não alcança os países pobres, pois limita-se a mostrar os efeitos da educação do ensino médio e os problemas que envolvem renda, ignorando os efeitos da educação fundamental. Muitos países apresentam fortes desníveis na educação média e conseqüentemen-

te no nível de renda, daí a falha na explicação dos modelos educacional e econômico a partir da observação do ensino médio. O perdão de dívidas ou controle de natalidade, tão decantados pelos organismos internacionais, também são estéreis quando o assunto é promover o crescimento de nações pobres. Perdoar dívidas, por exemplo, não assegura que essas nações se manterão em trajetória de crescimento sustentado a longo prazo; ao contrário, tal perdão suscita a adoção descompromissada de futuros investimentos nesses lugares, constituindo um incentivo à má gestão de recursos futuros. Esse, sim, é um desincentivo ao crescimento. O controle do crescimento populacional também não refreará o aumento da pobreza, pois um número maior de indivíduos em países pobres torna-se necessário para compensar o baixo nível de renda *per capita*. No conjunto, a renda familiar pode até crescer, o que não resolve o problema, já que este não se restringe ao crescimento da população – é preciso encontrar mecanismos que possibilitem a essas pessoas um nível de renda maior. A criação de empregos é o X da questão, e não o controle da natalidade. Em nações ricas, as famílias têm menos filhos em razão de ser maior o custo para criá-los. Já em países pobres ocorre o oposto, pois o que recebem por seu trabalho é quase irrisório, daí a importância em aumentar a prole que acaba se constituindo em força de trabalho geradora de renda familiar.

Na terceira parte, Easterly demonstra, com fatos, que as pessoas realmente respondem a incentivos. Ele trata, corajosa e criticamente, da

essência verdadeira do ser humano, ao tocar em assuntos delicados que vão da corrupção à criação dos bolsões de pobreza (oriundos dos efeitos dessas políticas). Apesar dos esforços adotados pelos organismos internacionais, as medidas abordadas são consideradas meras ilusões. A corrupção, por exemplo, desmonta qualquer iniciativa de combate à pobreza, por constituir forte mecanismo para a manutenção do *status quo* político em muitas nações. As coligações políticas se mantêm graças a essas práticas e conduzem a um resultado maléfico que entrava o crescimento da economia. A divisão em facções e a disputa entre elas também obstaculizam o crescimento. A própria máquina estatal torna-se mais lenta e ineficaz no combate à pobreza. Os programas sociais ficam divididos e esquecidos no meio do caminho e as pessoas que seriam beneficiadas mais uma vez vêem suas expectativas malogradas.

*O espetáculo do crescimento* é um livro que vale a pena ser lido. Ajuda a compreender por que, em pleno século XXI, ainda existem nações e povos que vivem como se estivessem no século XVIII. A dinâmica do crescimento das economias é complexa e não-linear: os interesses individuais e políticos, a disponibilidade de recursos e os mecanismos de adoção de tais medidas devem ser considerados, para entender por que algumas nações são tão ricas e outras permanecem tão pobres. O crescimento econômico não deve resumir-se apenas a recursos ou medidas de perdão, mas também, e sobretudo, a incentivos que dependem de medidas concretas e que saibam o que a alma humana deseja na sua essência.